JULIETA BOSSOIS

DJARVICK

AGBOOK

2022

AGBOOK

2022

Capa e Ilustrações – Internet

Nenhuma violação de direitos autorais pretendida.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta Obra poderá ser copiada ou reproduzida por quaisquer meios – impresso, eletrônico ou outros, sem o prévio consentimento da autora.

Bossois, Julieta – 1944
Título: DJARVICK
97 páginas
Literatura Nacional
Ficção /Drama/ Romance
3675867/2022/ ES /// 89008734210/2022/SP / O.N.R.

ALPHAGRAPHICS
2022

Tudo aconteceu na Rússia, século XIX. Período difícil para a população, a todo momento agredida pelo abuso de poder do Czar, o Imperador Nicolau I.

As pessoas de bem tinham medo de andar nas ruas, pois, a qualquer momento poderiam ser presas e torturadas pela polícia, sem nada deverem.

E era nesse tumulto sociopolítico que Djarvick vendia flores perfumadas todos os dias para ajudar nas despesas da casa, apesar da sua pouca idade. Estava completando 7 anos.



Muitas vezes precisava correr e se esconder em algum lugar para não ser pisoteada nas ruas por pessoas correndo

desesperadas numa louca e perigosa balbúrdia.

Quase sempre voltava para casa muito triste, pois, além do medo que sentia, nem todos a respeitavam. Empurravam-na, pegavam suas flores e não pagavam, zombavam de suas roupas simples e tantas outras situações embaraçosas e desagradáveis faziam parte do seu dia a dia. E mesmo se sentindo triste, assustada e cansada tinha de cuidar do irmãozinho Igor, quando a mãe ia para o rio lavar as roupas das clientes arrogantes e exigentes.

A vida estava sendo implacável com a pequena Djarvick.

Sua mãe, dona Mirtes, havia ficado viúva quando ela tinha 6 anos de idade e o irmãozinho Igor, 3 anos.

Com a falta do marido, a mulher precisou lavar roupas para sustentar os filhos. Mesmo assim, mal conseguia alimentá-los. Por esta razão, Djarvick precisou trabalhar arduamente, ainda criança.

Era uma menina quieta e de semblante tristonho.

Apesar das dificuldades, vendeu flores até completar 10 anos de idade, quando foi agredida de forma brutal por um grupo de meninos maiores. Estes, deixaram-na ferida, esmagaram todas as suas flores e jogaram sobre ela.

Djarvick ficou caída no chão com o nariz sangrando e o braço arranhado, olhando suas lindas e perfumadas flores destruídas.

Naquele momento decidiu que não venderia flores nunca mais.

- Por que não quer vender flores, minha filha? Por que esses ferimentos no rosto e no braço? Aconteceu alguma coisa que não quer me contar?

- Não, mamãe. Não aconteceu nada sério. Eu tropecei e caí. Só estou cansada desse trabalho. – Respondeu Djarvick, não querendo entristecer a mãe tão carinhosa e dedicada.

A mulher ficou preocupada, pois o dinheiro das flores ajudava bastante.

- Preciso conseguir outro trabalho para Djarvick. Só o dinheiro das roupas que lavo não dá para o nosso sustento. – Pensou.

Como parou de vender flores, a menina passou a fazer todo o serviço da casa. Seu irmão já estava grandinho e ia para o rio ajudar a mãe.

Aos 11 anos, Djarvick foi trabalhar na luxuosa residência de uma família muito poderosa.

Na casa tinha muitos empregados e ela era a mais nova de todos eles.

Sempre calada, cuidava dos seus afazeres com dedicação e responsabilidade.

Ali Djarvick trabalhou até seus 15 anos incompletos.

Tornou-se uma jovem lindíssima e sua beleza chamava atenção. Olhos castanhos cor de mel, cabelos ondulados da mesma cor dos olhos. Alta e dona de um corpo perfeito. Já possuía um corpo de mulher.

Um dia o filho dos patrões, um rapaz irresponsável de 25 anos, abordou-a num dos longos corredores da bela mansão.

- Espere, Djarvick. Quero que leve meu almoço no meu quarto hoje. Não estou me sentindo muito bem. – Mentiu.

- Sim, senhor. – Respondeu de cabeça baixa.

Foi para a cozinha e avisou às cozinheiras:

- O senhor Eduardo me pediu para levar o almoço dele no quarto. Quando estiver pronto, alguém pode preparar para mim?

- Sim, querida. Eu mesma vou fazer isso. – Respondeu a chefe das cozinheiras, e completou preocupada: - Minha filha, tenha muito cuidado. Estou nesta casa há mais de 30 anos e conheço o rapaz Eduardo desde que nasceu. Ele é mulherengo e não tem respeito por ninguém.

A mocinha ficou com medo e agradeceu:

- Obrigada, Matilde, terei cuidado.

Meia hora depois, Djarvick bateu à porta:

- Senhor Eduardo, o almoço.

- Entre!

A moça não gostou, mas não tinha o direito de questionar e abriu a porta.

Ele estava deitado e, levantando, ordenou:

- Coloque a bandeja aqui nesta mesinha.

Enquanto a garota depositava o almoço sobre a mesa, o rapaz foi até a porta e trancou com chave.

Djarvick estremeceu.

- Aqui está o almoço, senhor. Tenho de ir. Matilde precisa da minha ajuda.

Tentou chegar à porta, mas ele a segurou pelo braço.

- Senhor, preciso ir. Tenho muito serviço e...

- O serviço pode esperar. Vamos conversar um pouco.

A menina tremia, mantendo a cabeça baixa.

- Olhe para mim, Djarvick.

Ela continuou olhando para o chão.

Ele segurou o queixo dela e levantou-lhe a cabeça, dizendo:

- Há tempos venho observando sua beleza escondida sob esses trajes ridículos. Você nasceu para ser rainha, Djarvick. Ainda não percebeu?

E sem nenhum respeito arrancou o lenço que cobria a cabeça dela.

Os longos e ondulados cabelos cor de mel, soltaram-se e caíram nos ombros da mocinha. O rapaz não resistiu e a puxou com brutalidade para si e a beijou, machucando os lábios dela.

Djarvick empurrou-o, gritando:

- Deixe-me sair!

Ele apertou a mão em sua boca e sussurrou-lhe no ouvido:

- Vou tirar a mão da sua boca, mas, se gritar de novo, atiro-a pela janela!

- Tenha piedade, senhor! Deixe-me sair, por favor! – A menina chorava copiosamente.

- Só depois dos seus “favores”, minha querida. – Sorriu sarcástico.

Ela ainda tentou se desvencilhar, mas ele a jogou sobre a cama com força.

- Djarvick está demorando muito. Já devia estar aqui. – Pensou Matilde.

Depois de um tempo, preocupada, foi até o quarto de Eduardo e chamou:

- Senhor Eduardo!

- Matilde, dê o fora!

- Socorro, Matilde!

A mulher ouviu a voz abafada da garota e bateu com força na porta.

- Abra a porta, Eduardo! Deixe a menina sair!

De repente a porte abriu e o rapaz deu um tapa no rosto de Matilde.

- Não se meta, idiota! Quer morrer?

- Pode me matar, se quiser, mas deixe Djarvick em paz! – Respondeu corajosamente.

A garota aproveitou a confusão para sair correndo dali.